

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium tri-
umphæ Ecclesiae... in Christo Jesu.

ID. 13. 14.



O EX.^{mo} E REV.^{mo} SNR. D. ANTONIO SEBASTIÃO VALENTE
ARCEBISPO DE GOA

GUIMARÃES 15 DE FEVEREIRO DE 1885

Origem das nossas desventuras

HA muito que o *Progresso Catholico* não publica a secção para rir, o que, verdade seja, nos faz, na presente occasião, bastante falta. É para aquella secção que este *suelto*, como dizem os nossos visinhos, deverá ir; mas vá para aqui, o que não impede que todos riam dos mastins que ladram em volta do velho Portugal.

Dizia o *Primeiro de Janeiro*, não ha muito o seguinte:

«Caem a farrapos os ultimos vestigios da nossa antiga dominação nas terras do extremo Oriente. Abriu-nos successão, em vida, a nossa fiel aliada, e o grande imperio inglez das Indias estende-se e floresce hoje nos estados que foram tributarios da coroa de Portugal. As ricas parças do Oriente, centuplicadas pela invenção de l'ulton, que transformou a arte de navegação, frue-as hoje pacificamente a Gran-Bretanha no commercio colossal e no enorme poderio com que tem assoberbado o mundo.

Assim fomos desapossados do que houvemos pelas perigosas navegações que fizemos, e pelo inquebrantavel valor dos nossos homens de guerra. Vê-se agora que não bastam a cubiça de estranhos as conquistas que traçamos com a ponta da espada, senão que tambem lhes apraz, e grandemente, as christandades que o sangue de missionarios portuguezes grangeou para os dominios da cruz».

Que riso! que vontade de uma gargalhada estrondosa, se não fosse uma verdade o que o arlequim da politica ahí vem dizer ao circo, testemunho de todas as suas trou-nias! Veem cair a farrapos os vestigios de uma gloria altamente invejavel; culpam a Inglaterra de todas as nossas desgraças; lamentam que se percam as christandades, que o sangue dos nossos missionarios regaram?

E, qual será o remedio que o *Primeiro de Janeiro* quer applicar, ao agonisante guerreiro, que amedrontou o mundo só com o seu nome? Será bastante, para salvar a dignidade d'esta nação, para lhe conservar os seus dominios ultramarinos, para sustar a queda do seu poder no Oriente, que o partido representado pelo *Primeiro de Janeiro*, trepe ás cumiadas do poder? Não.

Não; porque qualquer dos partidos que devoram a Patria, são inimigos da Igreja, riem dos insultos

feitos ao Papa e ao clero em geral, e locupletam-se, lambendo os restos, magros já, da Igreja Portugueza. Uns e outros não querem irades, e os frades foram os que implantaram a Cruz e escreveram o nome de Portugal, sob a capa frondente dos bosques d'America, e que levantaram a Cruz e o nome da Patria em meio das torridas areas d'Africa. E apesar d'isso vós não quereis frades, porque sois inimigos da Patria como sois inimigos da Religião que a fizera grande. Regeneradores ou Progressistas. Historicos ou Reformistas, sois todos filhos da arvore plantada ha meio seculo no chão onde cahiu a Cruz por vós arreada; sois filhos dos homens que edificaram palacios sobre os escombros das casas dos frades, d'essas casas que eram arrimo do desvalido, imperio da sciencia, e refugio dos que só viam a felicidade atravez das formosas ogivas do claustro.

Matasteis o frade! Apunhalasteis os ministros do Senhor em meio de praça publica, e deixasteis morrer muitos á fome, ignorados até da publica caridade. E com o desaparecimento do frade, que roubasteis, que assassinasteis e que apontaes ainda hoje á irrisão publica nas columnas das vossas gazetas e nas paginas dos vossos livros, desteis o primeiro abalo a esse grandioso edificio que se chamou o Padroado portuguez na India, e desalicerçasteis o imperio colossal que os portuguezes formaram na Africa.

Fosteis vós homens do progresso sem Deus, e não os inglezes, quem tombou a grande figura do Portugal de D. Manoel, do esplendido pedestal onde a Religião Catholica o erguera. E sois vós ainda, com a descrença e o odio ao frade, e com a vossa sede de riquezas á custa do suor dos povos, quem ainda depois da figura veneranda da Patria jazer em terra, a apedrejais, lhe lançaes a lama das ruas, e ris, em meio dos vossos festins maçonicos, do pobre velho a quem a propria fê roubasteis.

E não contentes com isso, é grande ainda o vosso cynismo, para dizerdes que as outras nações concorrem para as nossas desgraças. Foi assim sempre: um proprietario que sabe viver bem, empalma o patrimonio do visinho perdolario; mas vós não o provasteis ainda.

Mais atilados que vós, são os jornalistas estrangeiros, que chorando as nossas miserias, apontam as suas causas. Escutae o que dizia ha tempos um jornal brasileiro

fallando das ordens religiosas e de Portugal:

«Vamos dar um golpe de vista por sobre a historia:

O mesmo motivo que expulsou os frades do reino britanico, no tempo da Reforma; esse mesmo actuou nos homens do seculo XIX em Portugal; aonde os conventos hoje são habitação das andorinhas.

A riqueza d'elles foi para a barriga dos ladrões de casaca, que não podendo acertar bem as contas, queimaram os documentos, e a nação juntamente com os pobres ficaram a vêr navios.

A divida nacional começou logo a tomar proporções espantosas; porque o fisco teve de tomar sobre si o onus de costear a enorme despeza da instrucção publica que até ahí estava a cargo dos conventos; foi preciso augmentar o numero dos empregados publicos; e abertas, uma vez, as fauces d'ambição pela aquisição dos bens ecclesiasticos, era forçoso que outros pelo engodo d'estes viessem apagar a sêde d'esta paixão, porque os homens que rolam nunca param no meio do plano inclinado, principalmente, quando estas paixões pertencem ás altas regiões officiaes.

A historia de varios paizes tem mostrado que os bens das Igrejas fazem indigestão e deitam a perder os bens do Estado.

A divida de Portugal triplicou umas poucas de vezes, depois que comeram os bens dos pobres; e se a despeza hoje é maior, tambem a receita o é.

O Imperador Nicephoro Phocas mandou vender as herdades e predios das Igrejas e conventos e incorporou-os á Corôa para despezas da guerra; parecendo-lhe melhor dar aos soldados as rendas que os Bispos davam aos pobres.

O seu successor Basilio observou que, desde que estes bens passaram do dominio da Igreja para a Corôa, como se fossem uma peçonha que entrou no coração do Imperio, não se viam senão calamidades publicas em toda a parte; e assim apartou-os de si como uma peste e ruina total do bem-estar da nação, e restituiu-os á sua antiga origem (memoria de Juan Palafox ao rei Filippe 4.º 1656).

Portugal não pôde restituil-os, porque os cõmeu, mas hade aguentar as consequencias.

Que bom padroado! Antes a Igreja livre».

O nosso collega brasileiro sabe melhor o que por cá vac, que os

jornalistas das ruas. A causa das nossas desventuras, da inormidade da divida publica, do escarneo com que tratam as outras nações, da perda do Padroado portuguez no Oriente, do definhamento e perda do nosso imperio na Africa, foi a extincção das Ordens religiosas, e agora o que se passa são as consequencias do roubo feito á miseria, á virtude e á sciencia.

Restitui o que era dos frades, abri essas portas onde se formavam os grandes homens em virtude e saber, e verei de novo a prosperidade da Patria.

Lembraí-vos que o alheio chora por seu dono.

Elias de Sampaio.

SECÇÃO RELIGIOSA

MISSÃO

MISSÃO quer dizer *ensinamento*; envia quem está revestido da *auctoridade* para mandar; a essencia da *auctoridade* está em Deus, e para que haja mandado com verdade é mister que Deus mande ou envie, ou se mande em nome de Deus! Isto é assim em absoluto e em relativo, logo os que annunciam a palavra de Deus, os unicos verdadeiros *missionarios* são os sacerdotes em toda a sua gerarchia desde o Papa até ao presbytero, e assim o corpo ecclesiastico catholico apostolico romano, que na Igreja de Jesus Christo forma o *corpo docente*; o *corpo discente* ou *secular* não tem a *missão* por *excellencia*, mas tambem elle tem *missão da verdade*, ensinando esta como lhe a ensinou a Igreja docente, e fallando, *docens*, na ausencia do *missionario excellent* ou mesmo na presença de este por obediencia a *seu mandado expresso* ou *tacito*.

A' vista de esta verdadeira doutrina é evidente, que não são *missionarios* os enviados por homens *hereticos* ou *sectarios*, nem aquelles que se mandam a si proprios, nem os que estão ligados a qualquer *erro* ou *heresia*, embora digam uma *parte da verdade* negando ou omittindo a outra, como por exemplo, praticam os *protestantes*, e ainda menos os de *má fé*, mentirosos e traçoeiros, pois que não se pôde attribuir ignorancia inven-

sivel dadas certas circumstancias, *v. g.*, n'aquelles *missionarios* inglezes *protestantes* que na Ilha de Madagascar procuravam fazer *adeptos*, dizendo aos malgachos ou nativos de aquella ilha «que nosso Senhor Jesus Christo tinha nascido na Inglaterra; que na Inglaterra tinha vivido, prégado sua Religião, e fundado sua Igreja; que por muitas vezes os francezes tinham procurado chamal-o ou atrahil-o a si, mas que o Divino Redemptor nunca tinha querido ir a Paris amando antes ficar em Londres; e que assim a *religião protestante* era melhor que a *Religião Catholica*»; sempre confessavam que esta era *boa*, pois que *melhor é o comparatico de bom*. Todo *aquelle esforço* (com mentira) era para introduzir, *mais para fins* do que *para outra causa*, o *protestantismo* na Ilha de Madagascar; e para combater os *esforços de verdade* e os *bons resultados* obtidos pelos sacerdotes, verdadeiros *missionarios* porque ministros de Deus, e assim porque *ordenados* na Igreja Catholica Apostolica Romana e enviados pela auctoridade de esta com auctoridade por seu Divino Fundador!

A *mentira*, e o que vulgarmente é chamado *trinca-flores*, é o proprio do *erro*, dos *errados* e dos *errantes*. A *verdade* é (como suas *manifestações* o são) *para, singela, coherente, nobre, leal, elevada, magna e simples, imperiosa e suave, lucida acima do sol, brilhante em superioridade ás estrellas, fecunda sem igual, amiga sobre todas as mãos, terna quíl seica suave e vicificadora dos corações, classica de sabedoria increada, poetica como a natureza apenas o mostra em reflexo*; emfim a *verdade é a verdade!* e suas *manifestações: Narrant gloriam Dei!*

D. Antonio de Almeida.

~*~*~*~

O SUICIDIO

(IMITAÇÃO)

Ao exc.ºo snr. A. Ribeiro do Portugal — testimonho de respeito e sympathia

(Continuação)



A CARIDADE, formosa essencia celestial, chama a divina que derrama sua luz por toda a parte, ficaria tambem

reduzida aos limites d'uma força material; o amor materno que nos acaricia e consola, que, além de chorar connosco nas horas d'amargura, nos dá n'essas mesmas lagrimas alento para maior soffrer, tudo isso seria igualmente filho d'uma força superior, nada teria de sublime e grande: o reconhecimento, as boas acções, tudo, tudo emfim desapareceria nas azas d'esse terrivel furacão.

A litteratura, pois, em vez de ser um foco de fé e consolações, uma força que impulse o homem para a civilisação, converte-se n'um lodaçal immundo, cujos putridos miasmas matam o desgraçado que os aspira. Ella, que devia luzir como a luz do sol, levanta-se imponente como um phantasma, como o genio da morte e da destruição, exaltando em seus hymnos o vicio e os sentimentos mais impuros e irreligiosos. Ella, que devera apresentar o criminoso odiado e repellido por todos, para fazer abominavel até a ideia do crime, pinta-o sem remorsos, feliz e venturoso no meio dos vicios que o engrandeceram. Ella, que devera alçar um throno á virtude, collocando-a acima do soffrimento, diverte-se em apresental-a com os andraxes da pobreza e as lagrimas de dor.

Durissimo é, pois, que a litteratura se veja convertida n'uma arma nefasta; mas peor ainda, que suas ideias pulverisadas d'uma falsa poesia, tenham a estolididade pretensão de fazer-nos crer que nada ha além da morte, que tudo acaba á beira do sepulchro, e que, evaporando-se o ser que nos anima, como se evapora a agua da torrente, nos cerca então o fumo, a escuridão, o nada.

Loucura immensa que o tormento da duvida continuamente agita, e que tantos suicidas tem feito em Inglaterra, França e Alemanha etc., cujo numero especialmente em Inglaterra se tem tornado crescido, e que muitos tem querido explicar pela atmospherica pesada d'aquelle paiz, por aquella nebellina espessa e continua que o rodeia e priva d'horizonte; porém, isso não passa de bons desejos d'explicar, o que assim se não explica, porque na natura jámais encontraremos causa que impille para o suicidio; a natureza repulsa-o, como o mar o mutilado cadaver que voga á tona de suas orgulhosas

e prateadas ondas. A causa unica são os maus livros para que desgraçadamente não faltam editores, são elles que encerram em si cruel e mortifero veneno, por que os seus conceitos são vistas flores, cujo calix peçonhento, abriga no meio de sua fragancia a morte e a destruição.

Concluindo, repetirei, que a *duvida* e o *materialismo*, encravam a força da alma e a fazem lutar cruelmente no meio de mysterios immensos e insondaveis.

Ante o *materialismo* e a *duvida* se confundem os sentimentos mais puros e sublimes, se apaga a luz da razão, tudo se acaba.

Depois de tanto lutar n'esse pelago escuro, n'esse mar sem praias, o homem despenha-se na criminosa torrente do *suicidio*.

FIM.

Manteigas.

F. G.

SECÇÃO SCIENTIFICA

As conferencias quaresmaes na Sé do Porto em 1881 (*)

PO R MONSIEUR RODRIGUES VIANNA

(Continuado do n.º antecedente)

IV

O Apostolado do Clero em face da—*Harmonia social*

Illustrado e religioso auditorio !

O fim culminante a que miram os inimigos do christianismo na epoca presente, é negarem por todos os modos a influencia social d'esta divina religião, inculcando-a como inutil e até nociva para se resolverem satisfactoriamente os grandes problemas, que agitam a sociedade contemporanea.

O christianismo, propalam elles, foi uma religião adoptavel e muito prestadia na idade media, quando o sol da civilização estava ainda empanado com densas nuvens; mas hoje o christianismo é um systema religioso que já fez a sua epoca, e passou na evolução dos seculos, e a Igreja e o Clero são instituições anachronicas, que não tem razão de ser, por incompativeis com as grandiosas conquistas, que abrilhantam o seculo desenhove.

Se bem que do balde esperamos en-

contrar um argumento serio ao lado d'estas declamações falsas e vãs de sentido, é certo, todavia, que ellas repetidas, como se repetem ahí todos os dias e sob a fórma seductora d'um estylo artificioso e deslumbrante, calam no animo de muitos, illudem a boa fé dos incautos, e, como o raio, só deixam em sua passagem ruinas e estragos.

Desenganem-se, no entanto, os illudidos.

O christianismo não é só um conjuncto de doutrinas especulativas e praticas, que tem como ideal alumiar a intelligencia no seu constante progresso para a verdade, e dirigir o coração na sua doce tendencia para o bem; não é só uma religião para se admirar na magestade sobrenatural dos seus dogmas e na severa austeridade do seu codigo; não é só uma fonte perenne de sublimes inspirações para o genio creador do artista e para a fantasia esplendorosa do poeta; é tambem uma religião eminentemente social, e, na grande synthese dos seus principios, tão maravilhosamente ajustados ao espirito humano, está a solução clara e peremptoria de todos os grandes problemas que se impõem ás sociedades.

Desenganem-se os illudidos.

Jesus Christo não foi sómente um Mediador divino que veio levantar o homem decaído ao throno da sua primitiva grandeza; foi tambem um verdadeiro reformador social, que passou por sobre a humanidade o grande nivel da justiça, e fez cair as gargalheiras do escravo, fez erguer soberanamente a fonte abatida do opprimido, fez assegurar para sempre os triumphos do direito sobre a iniquidade, da egualdade sobre os privilegios, da fraternidade sobre o despotismo, e creou um mundo novo, com novas ideias, novos costumes, novas leis, nova e nunca desmentida civilização.

Desenganem-se os illudidos.

O clero, sendo, como é, o continuador da missão santissima de Jesus, tem sido e ha de ser sempre, em que pezo aos seus inimigos, uma poderosissima influencia social, contribuindo ainda hoje, com o seu humilde e obscuro labor, incomparavelmente mais que todos os utopistas da epoca com suas pomposas theorias, para o legitimo progresso e verdadeiro engrandecimento da humanidade.

E' isto o que eu tenho procurado demonstrar n'estas desluzidas conferencias quaresmaes, e particularmente nas duas ultimas, em que discorri, como estareis lembrados sobre a influencia do *Apostolado do Clero em ordem á civilização intellectual, e á regeneração moral das sociedades*.

Agora, nas duas ultimas que me restam para concluir a minha tarefa, tentarei; em rapido curso, fazer-me ao largo n'este mar incommensuravel do meu assumpto, que, no cabo de tudo, tenho de resignar-me a deixar ainda inexplorado, sem haver attingido as praias que lhe servem de balisa. Tentarei discutir, mais no amago, a necessidade da influencia social do clero nos tempos actuaes.

Sabeis que um dos primeiros elementos de vida nas sociedades é, incontestavelmente, a harmonia; sabeis que a harmonia nas sociedades consiste na intima união, inquebrantavel, entre todos os seus membros. Sabeis que a união e harmonia social é um dos mais transcendentos problemas que preoccupa o nosso seculo. Pois bem: é do Apostolado do Clero, em face da—*Harmonia social*, que intento falar-vos n'este momento.

Cuido que é desnecessario encarecer o assumpto, porque elle por si mesmo se encarece e se recomenda: mas o que não posso escusar é a protecção do ceu, sem a qual debalde forcejaria para desenvolvê-lo competentemente, e que exoro por intermedio da sua excelsa Rainha, e nossa Mãe termissima, Maria Immaculada. Tambem não posso escusar, respeitavel auditorio, a vossa generosa benevolencia, que espero como sempre me dispensareis ainda uma vez, com a vossa illustrada attenção, e

Principio.

Senhores !

Um dos sentimentos mais bellos e mais sublimes que ennobrece o coração humano, aquelle que mais appropriadamente o torna semelhante a uma lyra animada, onde a vida se traduz como n'um variado concerto, é o delicioso sentimento da—*harmonia*.

Onde quer que a harmonia se nos depare ou seja no templo magestoso da natureza, ou nas espheras luminosas da sciencia, ou nos ceus esplendidos da arte, o nosso coração corresponde-lhe logo com outra harmonia, estremeccendo, suavemente commovido, como se n'elle vibrasse uma corda delicada e sonora.

O tulgido exercito dos astros, descrevendo com precisão mathematica a sua marcha imponente atravez dos espacos; um monumento scientifico, producedo esmerada d'uma intelligencia superior, que soubera coordenar e abrilhantar, como as estrellas, o turbilhão d'ideias que o genio projectara no firmamento do seu espirito; um poema maravilhoso, onde a elevação do pensamento e o brilhantismo da forma,

(*) Em o n.º passado sahio 1885, em vez de 1881.

a riqueza da lingua e a opulencia das imagens, o cadenciado das estancias e os encantos da rima, embebem a alma n'um mundo todo de incomparaveis bellezas; uma estatua ou uma tela primorosa, onde a luz e as sombras, a expressão e a vida, as proporções e a symetria realisam inexcedivelmente toda a sublimidade do ideal, e toda a formosura da arte; e, enfim, as ondas enlevantes da musica... oh! que extremadas harmonias!... E porisso que o são, todos se extasiam diante d'ellas, e se sentem transportados ao só ouvil-as memorar.

Mas que é a harmonia? Não sei: admiramol-a, deixamo-nos arrebatado por ella, mas a sua essencia e modo de ser escapa, como os fluidos, a analyse minuciosa do espirito. O que sei, porém, e o que mui accentuadamente quizera fazer-vos notar, é que toda a harmonia denota uma expansão, representa o acto d'alívio d'um ser que sahe de dentro de si mesmo, para nos communicar os gosos da sua vida intima.

Com effeito: que é a harmonia no templo da natureza? E' uma expansão do amor divino que sahe do dentro de si mesmo para espargir, como o sol, raios da sua luz, imagens da sua formosura infinita. Que é a harmonia n'um monumento scientifico? E' uma expansão do amor da verdade, que apaixonou o sabio e que o impulsiona a sahir de dentro de si mesmo para derramar á luz as scintillações de seu genio. Que é a harmonia n'um primor da esthetica? E' uma expansão do amor do bello, que apaixonou o artista, e que o impulsiona a sahir de dentro de si mesmo para exhibir e objectivar os extasis da sua fantasia.

E pergunto eu agora, que é a harmonia no mundo social? E' tambem, senhores, o resultado feliz d'uma expansão: expansão de todos, em ordem ao bem estar de todos.

Explico-me já de modo que ninguém deixe de comprehender o meu pensamento.

Todos sabem que a sociedade é um conjuncto de actividades livres, que trabalham unidas, auxiliando-se mutuamente para a consecução d'um e o mesmo fim. Ora, como hão de essas actividades livres unirem-se e auxiliarem-se mutuamente sem uma expansão, quero dizer, sem sahirem de dentro de si mesmas, de dentro do estreito circulo dos seus interesses individuais, para se devotarem generosamente aos interesses do fim commum? Impossivel. Corpo social em que cada um se concentra, e vive só para a sua entidade, e não para a entidade collectiva, não é um corpo harmonico, é um corpo dividido, um corpo esphaco-

lado; não é mesmo um corpo social, é um torvelinho d'atomos, dispersos em confusão.

Porisso o egoismo que concentra as individualidades, o lhes entibia, amortece e extingue a força expansiva, é, hade ser sempre o mais terrivel elemento subversivo e dissolvente das sociedades.

O egoismo! O homem todo absorto na contemplação, desvanecido de si mesmo, como o anjo da rebeldia, e como elle a adorar-se, e a conspirar contra tudo e contra todos, para que tudo e todos o adorem! O egoismo! O homem a fazer do seu coração um altar, a pôr sobre esse altar o idolo mesquinho do eu, e a ter sómente como unico pensamento, o mobil da sua vida, queimar os incensos de todas as lisonjas, esgotar as taças de todos os prazeres, e immolar as victimas de todas as paixões em honra d'essa divindade tão caprichosa e exigente como ridicula e desprezível! O egoismo! O homem todo encerrado dentro do seu proprio ser, abysmado todo no seu proprio ambiente, como o crustaceo no fundo do oceano, e a sociedade em roda d'elle cega, faminta, desprotegida, a dizer-lhe, a pedir-lhe, a exorar-lhe — alumia-me com as tuas luzes! soccorre-me com o teu oiro! esenda me com a tua influencia e o teu prestigio! — e elle a responder-lhe sempre... sempre... desentranhadamente — não! as minhas luzes são para me formar a aureola d'uma celebridade; o meu oiro é para me comprar prazeres; e a minha influencia e prestigio é para me conquistar uma posição brilhante, deslumbradora, um throno d'onde domine e avassalle! O egoismo! O homem de pé sobre o pedestal do seu nada vaidoso, a toda a altura do seu orgulho desmesurado, olhando em torno de si com supremo desdém, e bradando em seu coração entumecido: *Ego regnabo!* Eu, só eu! Eu o astro, os outros os meus satelites; eu a gloria, os outros reflexos da minha gloria; eu a voz, os outros eccos da minha voz; eu o centro, os outros pontos na minha esphera; eu tudo, os outros nada, a não serem para mim mesmo! O egoismo! Essa aranha cruelmente industriosa do edificio social, que passa a vida a fabricar as teias da especulação interesseira, e, quando uma victima incauta se deixa cahir na urdidura d'essas teias perfidas, onreda-a, explora-a, arrebatada, e não a abandona senão depois de lhe ter bebido o sangue em copos d'oiro! O egoismo! essa... (permitta-se-me a comparação) essa vespa ybarita da colmeia social, que só se alimenta, nutre e medra á custa do mel que dulcifica a vida de muitos, e da subsistencia que é a vida de to-

dos, auferindo, a sua felicidade da desgraça, a sua grandeza da miseria, e a sua opulencia de empobrecimento! O egoismo! esse... por que não heide dizel-o? esse tigre do mundo moral que se debate impaciente na jaula d'um coração, e d'ahi espreita a sua presa, assignala-a, remira-a, e solta-se da jaula, arremessa-se sobre ella, e trazendo-a de volta compraz-se em devoral-a n'um solitario banqueto! O egoismo! que aborto, que monstruosidade, que desconcerto na harmonia do mundo social!

Permitti-me uma hypothese.

Figurac-vos que, por um impossivel, se declarava uma conspiração no mundo sidereo; que cada um dos planetas, que giram em torno do sol, se voltava para elle, e lho dizia: — Ha seis mil annos que te presto vassallagem e furmo cortejo á tua realza com as minhas doces evoluções; basta do servilismo: agora chega a tua vez de me escolheres para teu centro, de gravitares em torno do mim, de me pedires emprestada a luz e o impulso, e de atravessares o espaço, saudando-me em tua marcha respeitosa. Figurac-vos que, ainda por um impossivel, o astro rei abdicava effectivamente da sua realza, e que os planetas, tornando-se centros do si mesmos, começavam a percorrer isolados a immensuravel amplidão dos céos, figurac-vos: o que succederia? Que immediatamente esses céos tão bellos, cuja harmonia maravilhoso é um poema, ó uma grandiloqua epopea do infinito, nos offerciam o spectaculo pavoroso do cahos, em toda a planitude da sua espantosa realidade. Os astros, errando perdidos e ás cegas n'essas páramos infindos do espaço, haviam de atropellar-se necessariamente em seu curso desordenado e confuso, chocando-se e despedaçando-se uns contra os outros no mais horriavel fracasso; o firmamento estremeceria abalado, ou talvez se abrasasse todo n'uma conflagração vulcanica, e o universo inteiro, envolto n'esse immenso cataclismo indiscriptivel, cahiria, enfim, sepulto debaixo das suas mesmas ruinas.

Transportae esta hypothese do mundo sidereo para as realidades do mundo moral. Que as actividades sociais, em vez de girarem harmonicas em roda d'um e o mesmo centro, um e o mesmo fim commum, se isolem e se tornem centros do si mesmos, curando unicamente do interesse mesquinho do eu com o sacrificio do interesse momentoso de todos, e a lucta das ideias, das tendencias e das paixões, a guerra fratricida do homem contra o homem, o desmoramento de todas as barreiras que se oppõem á enthronisação de tudo quanto ha de peor na personalidade

humana, e o caos social, emfim, com todos os seus horrores, terá desenhado aos olhos espavoridos do vosso espirito o quadro do egoismo dominante nas sociedades.

Meu Deus! Quem nos libertará das oppressões d'este terrivel genio destruidor? Quem sahirá a campo para combatel-o e soffreal-o?

Levantae-vos, illuminados d'esto seculo! vinde debellar o mais ruinoso e implacavel inimigo dos povos, de quem vos dizeis os anorteadores, e das sociedades, de quem vos dizeis os paladinos. Levantae-vos!

E ainda bem que, felizmente, elles acodem ao reclame, defrontam sobranceiros com o egoismo, citam-no perante o tribunal da razão, e o egoismo comparece, e nós vamos assistir ao debate.

—Tu não estás só no mundo, começam por dizer-lhe, tu és um ser essencialmente social. A sociedade é condição indispensavel da tua existencia, ó a portentosa natureza onde vive, cresce e se desenvolve o rei da criação; ó só na sua atmospheria que o teu espirito pôde respirar, e só nas suas regiões ideaes que se eleva grandiosa, e abrota as suas flores e os seus fructos. a arvore fecunda da intelligencia. Sem ella, sem a sociedade, o teu corpo pereceria, e as nobres faculdades da tua alma permaneceria inculdas, e como que em perpetuo embrião. Deves, portanto, dedicar-te ao meio social, que é complemento do teu ser, e deves sacrificar-lhe os teus interesses individuaes, que n'isso vae a tua mesma felicidade.

—Muito bem, responde o egoismo; mas, na questão da minha felicidade, o unico juiz competente sou eu proprio; e se a vossa razão vos diz que a minha felicidade demanda o sacrificio dos meus interesses em prol do bem estar social, a minha persuade-me, pelo contrario, que é exclusivamente na satisfação dos meus interesses individuaes que a minha felicidade consiste.

—E' necessario moderação em tudo, até mesmo no poder, continuam os espiritos illuminados.

—Moderação! acode logo o egoismo; a moderação não está na indole da minha natureza; eu sou um ente essencialmente immoderado, e a minha medida de gosar é gosar sempre e sem medida.

—Não importa, advertem os espiritos illuminados; em todo o caso, os teus gosos, como tambem os teus interesses, devem ser regrados e bem entendidos.

—Vamos, pergunta o egoismo; e a que chamaes vós interesses bem entendidos?

—Os que se pautam, invariavel-

mente, pela grande norma suprema do util, respondem com entono os illuminados.

—Oh! muito bem! optimo! brada então o egoismo exultante; o util, conforme vós mesmos acabaes de estatuir, é a grande norma, é a lei soberana do mundo. O util, em tudo; o util, para tudo; o util acima de tudo: —eis o vosso programma. Pois sabeis, ó sabios, que estaes vencidos! O util sou eu, eu, incontestavelmente. Acaso não o tendes apercebido? Toda a vez que vós systematisaes e propalaeis o utilitarismo, fazeis a minha apothese, e coroacs-me por vossas proprias mãos! —

Força é confessal-o, embora tristemente, senhores: o egoismo tem razão.

De ordinario, os espiritos illuminados da epoca não reconhecem em suas theorias economicas outro fim social além do maior numero de gosos, para se proporcionarem ao maior numero de participantes; e, como unico meio da consecução d'este fim, o oiro ou cousa que o valha. Toda a civilização consiste, para elles, no dominio da materia, em se conhecerem as suas propriedades, e em se explorarem os seus thesouros. Segundo elles, o espirito humano attingiu o seu destino se conseguiu augmentar as commodidades da vida, tornando menos dolorosa a existencia corporea, e, n'uma palavra, quando achou o segredo de passar aqui alguns annos de prazer. Ora, claro é que o utilitarismo de semelhantes theorias favorece, á larga, todas as tendencias exclusivistas do homem, impulsa-o a labutar sómente no intuito de conquistar-se, na terra, um paraizo para a sua personalidade; e, por conseguinte, semelhantes theorias são a consagração e a glorificação do egoismo, são deveras a sua apothese.

Deixemos, pois, as ostentosas academias dos que a si mesmos se denominam espiritos illuminados d'esto seculo, e vamos ouvir os ensinamentos d'uma escola sublime, esclarecida por outras luzes, que não as d'elles, que só servem para auctoritar o egoismo, exaltal-o, formar-lhe a aureola esplendida do seu triumpho.

Acompanhae o meu pensamento, senhores.

(Continua.)

SECÇÃO ILLUSTRADA

O Exc.^{mo} e Revl.^{mo} Sr. D. Antonio Sebastião Valente, Arcebispo de Goa

NA grandiosa galeria que o «Progresso Catholico» tem de offerecer a seus

leitores, do venerando episcopado portuguez actual, collocamos hoje o segundo retrato.

E' o do Primaz do Oriente.

Bem quizeramos com o retrato dar a biographia de S. Exc.^a Rev.^{ma}; mas quem pôde, quem é capaz de, no curto espaço de quatro annos, seguir a vida apostolica, acompanhando em todos os trabalhos episcopaes, lembrar-se de tudo quanto o descendente de S. Francisco Xavier tem feito na India, pela Egreja, pela Patria, pelo rebanho que lhe está confiado?

Quem pôde? Se ha alguem que a isso se atreva, aqui ficam as paginas do «Progresso Catholico» francas para esse trabalho impossivel. Nós, contentamo-nos em traçar rapidamente os factos mais salientes da vida de S. Ex.^a Rev.^{ma}, e com isso nos satisfazemos, porque, francamente, não podemos mais.

D. Antonio Sebastião Valente, nasceu em 20 de janeiro de 1816, no Porto de Santa Maria. E' filho do Exc.^{mo} Sr. João Maria Valente, medico em Cascaes. Em 1865 matriculara-se na Universidade de Coimbra, cursando a faculdade de Theologia, recebendo o grau de doutor em 1872. Tres annos depois era nomeado lente substituto da faculdade de theologia, tomando posse d'esse lugar em 1 de julho do mesmo anno, 1875, sendo promovido a cathedratico a 14 de setembro do anno seguinte, de que tomou posse a 19 de outubro do mesmo anno.

Os serviços por sua exc.^a prestados á Religião e á sciencia, como Lente da Universidade são bem conhecidos, dispensando-nos por isso de os mencionar aqui.

Em 2 de maio de 1884, sendo ministro da marinha o sr. Julio de Vilhena, foi o sr. dr. Antonio Sebastião Valente nomeado Arcebispo de Goa, e para logo os corripheus do liberalismo, os jornalistas que todos os dias pregam ás turbas em nome da liberdade e dos interesses da Patria, levantaram um berreiro, que faria desmoronar todos os monumentos erguidos á Religião e á Patria, se de ha muito esses mesmos amigos da liberdade os não houvessem já derrocado. Não se poupou nada, a pessoa do virtuoso sacerdote, a do ministro que o nomeara, a de todos os ministros que em

tal nomeação consentiram, todos, todos foram postos de rastos pela rua da amargura e acoiados todos de reaccionarios, propagadores do fanatismo jesuitico etc. etc. etc.

Imagine-se o que essa gentinha dissera então, não esquecendo a *liberal* Associação *Liberal* de Coimbra e *liberal* «Conimbricense», que estou quasi, quasi, a não querer ser mais *liberal*, e o caso é que, se o Dr. Ant.º Sebastião Valente, não fosse já bastante conhecido pelas suas ideias francamente catholicas, os seus inimigos com os protestos que lavraram, davam-lhe franca entrada para o alto cargo de Primaz do Oriente. A nomeação do governo, como era de esperar, seguiu a confirmação de Sua Santidade, e Sua Exc.ª Revd.ª lá foi mar em fóra, sob as bençãos de todos os catholicos portuguezes, tomar conta da vasta Archidiocese de Goa.

Em antes da partida visitou Sua Exc.ª Revd.ª a cidade de Guimarães onde entrou dia 2 de julho de 1881, sendo hospedado em casa do Exc.º Sr. D. Custodio Chaves, e onde se demorou alguns dias. Durante a sua estada n'esta cidade visitou a igreja de S. Torquato e todos os edificios religiosos, fazendo no dia 3 uma pratica ás Filhas de Maria, na igreja da Misericordia, onde tivemos o gosto de o escutar. Visitou tambem, como *reaccionario* a livraria Teixeira de Freitas, Centro de propaganda Catholica, onde o vimos mais que uma vez.

Na India, o virtuoso Prelado deu mostras, logo á sua chegada de que sabia o pezo que levava em seus hombros debeis, e para logo mostrou que possuia a caridade evangelica, a fortaleza dos martyres e a vontade indomavel dos descendentes dos Apostolos.

S. Exc.ª Revm.ª foi recebido com todas as pompas que lhe eram devidas, e desde a sua chegada até hoje, o seu caminho, atravez a vastidão da Archidiocese de Goa, é sempre juncado de flores, abobadado de festões, orlado de um povo que se curva reverente. A imprensa impia da India foi logo condemnada por S. Exc.ª Rev.ª e por essa occasião mostrou o grande Apostolo a coragem necessaria para urrostar com toda salvando a dignidade episcopal.

Não podemos n'esta pequena noticia narrar a vida do inclito Arcebispo na India, e como já dissemos, não viemos biographar o já agora tão notavel Prelado, mas para o elevar, e tornal-o digno do respeito, da admiração e da veneração de todos os catholicos basta saber-se, que S. Ex.ª Rev.ª mereceu ser censurado pelo Sr. Pinheiro Chagas, ministro da Marinha, ácerca da Pastoral, que nossos leitores conhecem, com que o venerando Primaz acompanhou a Encyclica de S. Santidade, «Humanum Genus». Basta isso para se saber que Sua Exc.ª Rev.ª o Sr. D. Antonio Sebastião Valente é digno da alta dignidade a que foi elevado, e mui digno das birras dos liberaes liberalões d'este malfadado paiz.

Aqui fica a homenagem do «Progresso Catholico», prestada ao Prelado digno, que o Sr. das Chagas quis censurar.

R.

SECÇÃO CRITICA

Os nihilistas portuguezes.

(Continuado do n.º 6)

X

Tentaram ha pouco os nossos republicanos nihilistas fazer uma brincadeira, a proposito de Fernandes Thomaz.

Queriam servir-se do nome d'este patriota, para passarem pelas ruas de Lisboa em mascarada republicana, levando a audacia a ponto de quererem mostrar-se em frente do Paço d'Ajuda!...

Não consentiu o governo na passcata, e os nossos heroes foram para o cemiterio desafogar sua magua, berrando furibundos discursos, profanando os mausoleus, quebrando os emblemas funebres!...

E assim ficou glorificada a memoria de Fernandes Thomaz!...

Pena foi não consentir o governo que a brincadeira fosse completa!... Pelo que se viu, a coisa prometia ser vistosa!...

A mania dos nossos republicanos nihilistas são os cortejos civicos!... São a agua lustral em que baptisam os santos, que querem inscrever no calendario da revolução, como elles dizem!...

O primeiro que assim foi arrastado pelas ruas... da am argura, foi

o bom do Camões, que ainda não voltou a si do susto que teve, quando se viu tão acariciado e adulado por aquellas pombas sem fel!..

Por muito infeliz que fosse na vida, nunca lhe aconteceu um fracasso destes!...

A' sombra do seu nome illustre de poeta e de christão, proferiram-se blasphemias de arripiar os cabelos:—blasphemias em religião, em historia, em politica, e até em poesia!..

Serviram-se do nome do poeta como chamaris ao povinho, que gosta de se divertir, e depois disseram que tudo aquillo era republicano, e que o nome de Camões fóra inscripto no calendario da revolução!...

Se o poeta guerreiro pudesse empunhar a espada, que brandiu valentemente, combatendo pelo seu Deus, pela patria e pelo Rei, não teriam elles ousadia de dizer tal blasphemia.

Camões repelliria tal camaradagem á mão armada!..

Era homem para isso, e para muito mais!...

Depois, levados sempre pela vaidade de figurar em publico, tentaram nova patuscada com o Marquez de Pombal, para fazerem pirraça aos Jezuitas!... Mas com este sahiram-se mal. Ficaram na penumbra, porque os nossos liberalões tomaram-lhes a mão, e não os deixaram figurar!...

Se o Marquez pudesse assestar-lhes a terrivel luneta, onde iriam elles parar?

Assim como o tinham seguro, brincaram á vontade com a feral!...

Agora lembraram-se de fazer figura á custa de Fernandes Thomaz que se declarou catholico e monarchico em um documento publico, assignado por elle, para virem depois muito apumados dizer ao povinho boqui-aberto: Cá temos mais outro santo inscripto no nosso Calendario!...

Está claro: o que os nossos nihilistas querem é lançar mão de qualquer ensejo de reunir a sua gente, e alimentar-lhe no peito o sagrado fogo do republicanismo!...

Caveant consules. O governo que conhece isto muito bem, acabe por uma vez com estas arruaças!...

XI

Se em politica nos offerecem os republicanos nihilistas, como temos visto, a desordem e a anarchia, em religião *offerecem-nos* o atheismo, a negação de Deus!...

E' doloroso dizel-o. Depois de quasi desenove seculos de civilisa-

ção christã, não acharam em religião os nossos republicanos outras palavras, para inscrever nas suas bandeiras, senão estas: Não há Deus!...

São atheus pois os nossos republicanos nihilistas, e atheus querem tornar os seus adeptos!...

Mas que é um atheu? Vejamos como o descreve o Propheta Rei:

«O insensato disse em seu coração: não ha Deus.

«Corromperam-se e fizeram-se abominaveis em seus desejos.....

«A sua garganta é um sepulchro aberto: com suas linguas urdiam enganões, veneno de aspides debaixo de seus labios.

«A sua bocca está cheia de maldição e de amargura: os seus pés são ligeiros, para derramar sangue...»

Muito antes já tinha dito o santo Job:

«Elles disseram a Deus: Retira-te de nós, pois não queremos conhecer os teus caminhos.

«Quem é o Todo-Poderoso, para que o sirvamos? e que nos aproveita fazer-lhe orações?.....

«Serão como a palha ao soprar do vento, e como a cinza espalhada pelo redemoinho.

«Mas Deus os castigará, e elles conhecerão então que existe nma justiça, que castiga os peccadores.»

Onde querem levar-nos os apostolos da *Era Nova*? Querem nivelar o homem com os brutos, porque só estes deixam de render culto a alguma divindade!...

E chama-se a isto progresso do espirito humano!

Ditosa condição, ditosa gente, que com tão pouco se contenta!...

Por um lado soberbos e altivos como Satanaz: por outro degradam-se á condição mais abjecta!...

Estava reservada aos republicanos portuguezes a honra de tentarem plantar n'este paiz, como systema, ao declinar do seculo XIX, as doutrinas dos escriptores irreligiosos do seculo XVIII.

Entre os philosophos antigos raros são os atheus.

Pelos annos 1600 appareceu Vanini que, apostolando o atheismo em varias partes da Europa, a todos inspirava horror, pelas doutrinas que propagava, e desenfreada licença, que ostentava em seus escriptos.

Os nossos atheus são mais felizes, do que Vanini. Este foi suppliciado, e entre os nossos alguns receberão salarios e gratificações dos cofres de Estado!...

Mas Vanini não foi castigado por

ser atheu; mas porque pregava o atheismo e seduzia a mocidade. Estes dous crimes são mui differentes, diz Bergier. Se os atheus guardassem para si sós a sua impiedade, ninguem se informaria do que elles pensam; mas estes insensatos querem dogmatisar, communicar aos outros o veneno de que estão infectados, e é isto o que a sociedade tem direito de possuir.»

(Continúa)

Um amante da religião, da patria e do throno.

SECÇÃO LITTERARIA

A Caridade

EM toda a parte esta flor mimosa tem admiradores, e em toda a parte tem ella cultores sinceros que muito a amam, que a veneram por ella ser filha do ceo. Em toda a parte sim porque em toda a parte o christianismo tem altares, tem um culto de respeito e adoração; e onde christianismo estiver lá está operando prodigios, o amor celeste, a Caridade. Não tem medo aos climas, não a amedrontam as balas e o sangue e os gritos dos campos de batalha. Serena como a supercie do lago, retracta em seu seio a imagem de Jesus Christo, d'Esse Homem-Deus que ao estabelecer-lhe morada na terra deu-lhe todos os alentos, todas as abnegações, a energia e a força para poder triumphar do torpe egoismo dos homens.

E esta grande virtude que só o christianismo pode dar-nos, tem na Madeira, n'esta perola do oceano, como os poetas lhe chamam, cultores de vulto, d'esses que, se olham para a terra é só para derramar sobre ella os perfumes da virtude, semear a beneficencia. Olham para o ceo, colhem d'elle as consolações que o ceu despensa a todos quantos n'elle depositam suas esperanças, e voltam á terra para enxugar lagrimas d'angustia, lenitivar amarguras, curar as chagas da miseria e imprimir nos corações o sello da resignação christã.

E o vulto mais venerando na caridade, no amor aos pobres, o verdadeiro cultor d'essa mimosa flor dos ceos todos aqui o conhecemos, todos apontam o Prelado como anjo da Caridade.

Tivera elle milhões, e morreria pobre dos bens da terra; não os tem, mas o pouco que tem sabe dispensal-o por quem é pobre, sabe dal-o aos necessitados. No seu palacio estabeleceu uma eschola, retirou do ocio, dos braços da perdição muitos filhos do povo que na

vadiagem perdiam o corpo e a alma. Alli os tem, resguardados em parte do negro ocio e alli vão, aquellas creanças, aperfeiçãoando a intelligencia e o coração. Pode ser que um dia saiam d'alli algumas perolas para irem engastar-se na corôa diamantina do illustre Prelado; pode bem ser que d'alli saiam luses propicias que venham engrossar ainda mais os clarões da aureola de tão venerando Bispo. A Madeira deve-lhe muito; mas infelizmente estamos n'uma epocha em que os bronzes e os marmores applausos e as sublimes apotheoses são dispensados a quem, a par d'algun bem deu muitas vezes alentos ao mal.

Mas não é tudo. O Illustre Prelado sustenta outra eschola, plantada n'um dos bairros que d'ella mais carecia, e esta para o sexo fminino. Senhoras de muita caridade, d'uma grandissima dedicação encarregaram-se de auxiliar o venerando Prelado, offerecendo gratuitamente seus serviços áquella eschola que já conta duzentas e tantas meninas. É uma eschola, a mais sympathica que eu tenho visto na minha vida; e não ha muito que os meus olhos, não costumados ás lagrimas deram testemunho seguro do valor d'aquella eschola. As impressões que senti nunca as poderei esquecer, como não posso traduzil-as para o papel com a expressão e com a fidelidade que ellas requeriam.

Tractara-se da distribuição de premios. Era n'um salão bastante vasto, singella mas elegantemente adornado, muitos espectadores, uns curiosos como eu, outros convidados, e entre estes damas de primeira respeitabilidade. O solio que o Prelado occupava, muito bem engrinaldado, em tudo as expressões do reconhecimento, a flôr modesta, mas eloquente, da gratidão. Senti um não sei que ao entrar alli — vi em cada flor sorrisos angelicos, lia na fronte de cada creança uma phrase de reconhecimento infantil, fulgurava em tudo um raio de luz que muito me fez lembrar o ceo.

Estava olhando para aquelle quadro, ainda pensando, meditando n'elle, quando rompeu d'aquelles peitos juvenis um cantico à Mãe do Eterno! Senti novas impressões, abalou-se-me o coração, e os olhos, n'este abalo, trairam o meu desejo — não queria chorar e chorei. Escondi aquellas lagrimas mas lembro-me d'ellas e ás vezes offereço-lhe outras lagrimas; escondias... e depois envergonhei-me de as não patentear. Não é frágua o chorar. Ha lagrimas tão valerosas, com tanto poder, que dev-m ser imitadas.

Depois do cantico que assim me comoveu, recitaram algumas d'aquellas creanças tocantes allocuções, poesias repassadas de sentimento dirigidas ao seu protector, o venerando Bispo. Algumas ainda fiseram pequenos discursos acerca

da providencia divina manifestada na terra e no mar e em tudo.

Aquellas creanças apresentaram os seus trabalhos ao illustre Prelado, alguns bordados, flores, trabalhos de agulha que foram muito louvados, principalmente por algumas das damas presentes.

Foi muito tocante o discurso que o illustre Bispo fez em tão solemne occasião.—Como fallou ás creanças e como nos fallou a nós, os que estavam presentes!! Ha palavras que tem mais força que uma alavanca e mais brilho que um meteoro. Derrubam e edificam e illuminam. A palavra do sympathico e venerando Bispo tem este merecimento, possue estes dotes—derruba qualquer impressão que seja adversa á fé e á crença, e edifica em profundos alicerces o edificio grandioso da crença e da fé. E' uma palavra de muita força e de muita suavidade. Pois essa palavra, eccoando sympathicamente no ambito d'aquella sala commovia nossas almas, abalava nossos corações. Mas como elle é modesto! modesto? Não; como elle é humilde. A modestia hoje em dia e talvez sempre não é mais nem menos que o involucro do orgulho. A humildade sim, pertence ao christianismo, e não pode fingir-se: nenhuma doutrina, a não ser a christã no-a doutrinara. O Prelado é sim muito humilde. Não referiu a si todo o bem da sua eschola, attribui-o á diligencia, á muita actividade, grandioso zelo e dedicacão das illustros mestras. Em parte assim é, porque aquellas senhoras são realmente inui dedicadas, muito cheias de zelo.

Mas no silencio, ás vezes tambem ha eloquencia, e quantas vezes mais eloquencia que na propria palavra?! Pois deveras eloquente foi outro acto que presenciavamos n'aquella festa.

— Aquellas dusetas e cincoenta creanças recebiam, das mãos do seu Prelado, vestidos novos de lã e de algodão!! Quadro bello, assás formoso que em sua nudez, exprime bem os encantos da caridade...

Basta, que de balde se pretende introduzir todo o volume das aguas que formam o mar em limitada concha que cabe n'uma das mãos. Basta.

A melhor prova de que Deus ainda ampara d'um modo especial esta Ilha é a conservacão n'ella do actual Prelado. Se elle não fora... ai se não fora como estariam aqui os interesses religiosos?!

Como estariam os sanctuarios?!

Ha quadros que não podem defrontar-se.

Deus continue a dispensar a esta Ilha a graça de tão bom Pastor, reverenciado e amado por quem não está de todo myrrado pela descrença.

E' um prelado que ha de vir a occu-

par uma pagina brilhante da historia da nossa patria.

Assim o cremos e gloriamo-nos com isso.

Funchal, Janeiro de 1885.

Godofredo de Oliveira.

~~~~~

## GRACIA

ou

### A CHRSTÃ DO JAPÃO

*Continuado do n.º 6*

#### Capitulo X

#### Jacuin Tokun

**C**OMO vimos Jecundono enganava-se ao pensar, que l'axiba o requisitava para apprehender alguma perseguição contra os christãos, pois o que pretendia n'esta occasião o regente era affirmar sua auctoridade na ilha de Kiou-siou, mediante uma expedição, que partiu sob o seu commando.

O imperio do Japão era n'aquella epocha uma especie de monarchia feudal, na qual o monarca se via muitissimas vezes obrigado a lutar com grande multidão de daimios ou principes, que eram soberanos em suas respectivas provincias. Quando lhes convinha obedeciam ao imperador; mas quando menos se esperava, voltavam contra elle suas armas e lhe resistiam, como os grandes senhores da Europa resistiam na Edade media aos reis.

l'axiba, porém, como os soberanos europeus, não levava a bem este systema, e aproveitando-se das divisões e discordias, que entre os mesmos se davam com frequencia, attrahiu alguns a si, e com suas proprias forças e as que estes lhe proporecionaram foi submettendo e sujeitando a outros.

Os da ilha de Kiou-siou, vizinha á de Nison, davam-lhe summo e serio cuidado, porque, afastados algum tanto da capital, costumavam com mais frequencia que os outros não obedecer nem sujeitar-se aos decretos imperiaes. A fim de recordar-lhes e fazer-lhes sentir bem, que não se circumscrevia sua auctoridade e seu exercito a uma só provincia, mas se extendia e dominava a todas subiu de Osaka na primavera de 1587, acompanhado do seu Estado-maior, no qual Jecundono figurava, e seguido de um regular exercito, que commandava Justo. Embarcaram todos em uma nume-

rosa esquadra debaixo do commando do almirante Agostinho Tsucamindono.

Trez dos principaes daimios de Kiou-siou eram christãos: Bartholomeu Sumitanda, principe de Omura, Francisco, que dominava no Bungo e o daimio de Arima. Estes tres foram os mesmos, que cinco annos antes enviaram ao Papa Gregorio XIII uma embaixada, que causou a admiracão de toda Roma.

Os principes christãos, escusado é dizel-o, eram os mais submissos e pacificos e os que melhor obedeciam ao imperador; ao contrario, porém, os idolatras os molestavam de continuo invadindo-lhes o territorio e guerreando contra elles.

Era Francisco, o de Bungo, um homem de grande santidade. A religião christã lhe fez ver o pouco que valem as grandezas e pompas d'este mundo e desejando desprender-se d'ellas, abdicou seus Estados em seu filho Joscimon e se retirou para preparar-se para a morte. Joscimon, que ao principio parecia bom, não tardou em manifestar preversas inclinações, não herdadas de seu bom pae, porque não só não quiz converter-se ao Christianismo, mas até, durante algum tempo, foi o açoite de seus subditos o terror dos fieis e o tormento de seu pae e familia, até que Deus, em castigo dos males que causava permittiu que o principe idolatra de Satsouma conquistasse o Bungo e o despojasse de seus Estados. Aproveitou-se l'axiba d'esta occasião para intervir, e mandou o general Simão Condera soccorrer Joscimon. Como Simão era christão, e estes amavam extremosamente o principe Francisco, seu antigo soberano, levantaram-se a favor de Joscimon e expulsaram do Bungo o usurpadôr. Contentou-se com isto o filho ingrato, o mau irmão, o inimigo dos christãos, reposto por elles no principado que tão indignamente havia perdido, e grato ao favôr prometteu emmendar-se. Começou por reconciliar-se com seu pae e converter-se logo ao Christianismo, sendo baptisado solememente por o P.º Gomes, que lhe deu o nome de Constantino, para recordar-lhe os deveres, que como principe christão contrahia.

Occorreram estes factos pouco antes do desembarque de l'axiba com seu exercito, por cujo motivo nada mais teve que fazer, do que restabelecer com sua presença a auctoridade imperial. Os principes christãos o ajudaram, pondo-se im-

mediatamente ás suas ordens, recebendo-o admiravelmente e secundando-o com tanto acerto, que em pouco tempo foram submettidos os poucos rebeldes que restavam, e a auctoridade do regente reconhecida e acatada em toda a ilha.

Justo, Agostinho, Simão e o mesmo Constantino deram ao regente tantas provas do que valiam os christãos, que este ficou admirado e confuso. A expedição foi em resumo, pela ordem, valôr e firmeza que reinaram nas tropas, cousa nunca até ali vista nem presenciada.

De tal forma, porém, se ensoberbeceu Faxiba com o resultado obtido, que pensou orgulhosamente ser isto tudo só obra de seu talento, e assim a expedição, longe de aproveitar aos christãos, foi antes o principio de sua ruina.

Jacuin Tokun, o astuto favorita, estava desde que chegou a Kiouxiou, como o caçador á espreita, esperando uma occasião para ferir os christãos. A mensagem mysteriosa de Mitza-o lhe fazia esperar, que alli alguma cousa poderia tramar contra elles, porque alli prometia ajudal-o o espirito; mas o tempo passava, e, como em todas as partes, os christãos iam progredindo e prosperando.

Jacuin ter-se-hia dado aos diabos se não pertencesse já a elles em corpo e alma; mas, apesar do seu desgosto, não se impacientava com receio de dar um golpe em falso.

Era tamanho o odio, que lhes professava, que até os tratava com carinho, afim de que não suscitassem d'elle e se lhe escapassem antes de poder cevar-se em sua desgraça. Decididamente Satanaz, com o nome de Mitza-o, se havia infiltrado na alma de Jacuin e lhe havia fornecido seus mais elevados dotes diabolicos, o apogeu do odio e o idealismo da dissimulação e da hypocrisia.

Não pensava senão em destruil-os, em aniquilal-os, em fazer-lhes damno, e vivia e entremettia-se com elles, e parecia que os respeitava, e fazia-lhes pequenos favores, e elogiava-os, com o que ninguem suspeitava o plano que trazia entre mãos. O mesmo Faxiba, apesar de sua perspicacia, não havia suscitado o odio que professava seu favorito aos discipulos de Jesu, nem a obra que com lentidão ia levando a cabo.

Jacuin comprehendeu, que a expedição de Kiouxiou lhe proporcionava uma magnifica occasião de enganar o regente, porque a am-

bição d'este e seu orgulho, mais excitados que nunca, lh'o entregavam de pés e mãos atado.

Um dia Jacuin excitou no peito de Faxiba o desejo de que o collocassem depois da sua morte no numero dos deuses, dizendo-lhe, que muito mais havia feito que Nobunanga, e que todavia a este se lhe haviam tributado honras divinas durante sua vida.

—Acreditaes na verdade, perguntou Faxiba, que tenho feito mais que Nobunanga?

—Quem o duvida, poderoso senhor? respondeu o astuto bonzo. E acrescentou, sendo peor a emenda que o soneto:—Nunca pôde Nobunanga com sua presença só conquistar provincias, dominar rebeliões e dar ao imperio a paz, que ora desfructa. A elle cada passo custava-lhe rios de sangue, e vós só com meigas palavras acalmais e rendeis os inimigos.

—De modo que o povo agradecido me adorará como ao meu antecessor?

—Mais que elle o haveis merecido; é que o povo não pensa agora como então. A religião dos Kamis vai cahindo em tal descredito, que os mesmos que a seguem temeriam fazer o que seus paes fizeram para não dar que rir aos christãos.

—Oh! exclamou Faxiba, é que eu posso mais que os christãos, e o dia, em que me contrariarem, será o ultimo da sua vida.

—Seria muito para lastimar, porque vos servem tão bem como nós outros, disse o bonzo com profunda hypocrisia.

—Sim, servem-me, mas sempre com reserva; servem-me, mas só no que lhes convém. E a proposito, ordenaste ás bellas christãs de Arima, que venham á minha presença?

—Gran Senhor, vossas ordens publicaram-se solemnemente. As donzellas mais formosas do povo, vestidas com ricos trajés e trazendo açafates de flôres sahiam a receber-vos, quando não sei quem fez corrêr entre ellas a voz de que querieis vel-as para escolher algumas e leval-as para o vosso palacio de Osaka. Alarmaram-se todas então, e dizendo que sua religião lhes prohibia ser vossas concubinas, retrocederam e negaram-se unanimemente a apresentar-se á vossa vista.

—E ainda dizes, exclamou Faxiba todo encolerizado, que essa gente me serve bem? E ainda sustentas, que não me convém fazer-

lhes sentir o poder de meu braço? Quando se negaram as donzellas japonezas a viver no palacio de seus reis? Quando tiveram ellas esses escrúpulos e temôres, que agora as christãs teem? A religião christã desorienta completamente aos que a praticam, subverte a ordem do Estado e entrega as consciencias de meus subditos a esses estrangeiros, vindos de Roma ou de Hespanha, que são por fim de contas os verdadeiros senhores do Japão. Se isto assim continúa, virá tempo, em que eu ordene alguma cousa que não satisfaça aos bonzos europeus, e promoverão uma insurreição em meus Estados, e chamarão em auxilio dos rebeldes os hespanhoes das Philippinas. Não, não quero que isto succeda. Formase mister remover tal perigo, e por o Gran Daibout te juro, que hoje mesmo o removerei.

—Mas, senhor, não tendes dito mil vezes, que os christãos são mais submissos, obedientes e sofridos que ninguem e que sua doutrina respira doçura?

—Sim, tenho-o dito, porque é verdade; mas tambem o é, que teem uma energia de resistencia, quando lhes offendem a sua religião, que parece incrível. Preferem deixar-se fazer pedaços, que consentir no que acreditam lhes prohibe sua religião. Com gente d'esta laia não se pode livremente governar.

(Continúa.)

Versão do P.º Lima

## RETROSPECTO DA QUINZENA

**F**ESTIVERAM n'esta cidade e fizeram-nos a honra de sua visita os Rev.ºs Snrs. P.º Manuel José Leite Pereira de Meirelles, e P.º Ribeiro Coelho, director e redactor do «Commercio do Minho». Este nosso amigo e collega visitou o Castello de Guimarães, a Collegiada e o que ha de mais notavel na nossa terra, retirando-se agradado da visita feita.

No dia 4 de Janeiro realisou-se na igreja das Sallesias, em Lisboa, a sagração do S. Ex.ª Rev.ªª o Senhor Arcebispo de Perga, D. Augusto Eduardo Nunes, coadjutor e futuro successor do actual Arcebispo d'Evora. Foi festa brilhante, como soem ser festas de tal ordem.

Para nós, que por mais de uma vez tivemos a felicidade e a honra de fallar a S. Ex.ª Rev.ªª, e por a mór parte dos habitantes de Guimarães que varias

vezes escutaram o então Lente da Universidade, no alto do pulpito da Real Collegiada d'esta cidade, é grato, certamente haver noticias da recepção que S. Ex.ª Rev.ªª tivera em Evora

Eis como a descreve um nosso collega d'Aquella cidade:

«Chegou no sabbado, conforme tinhamos prenunciado, o ex.º arcebispo de Perga, que vem governar esta archidiocese, na qualidade de coadjutor, e futuro successor do prelado evorense.

S. ex.ª era esperado na *gare* da estação do caminho de ferro pelos ex.ªª governador do arcebispado, general comandante da divisão, com o seu estado maior, officialidade de cavallaria n.º 5, vogaes do tribunal militar, promotor da justiça militar e defensor officioso no mesmo tribunal, cabido e o clero eborense, salvas rariissimas excepções, administrador do concelho e o seu escrivão, secretario geral do governo civil e alguns empregados da secretaria, alguns dos vogaes do conselho de districto, commissario de policia, camara municipal, empregados do seminario, juiz, delegado, empregados da camara ecclesiastica, e outras entidades officiaes de que nos não lembramos; visconde da Serra da Tourega, Francisco de Lemos da Cunha Vieira, Augusto Calça e muitos outros particulares.

Quando s. ex.ª chegou á estação subiram ao ar algumas girandolas de foguetes e a banda dos alumnos da Casapia, que ali se achava, tocou o hymno real.

Em seguida, n'uma das salas d'espera da estação, recebeu s. ex.ª os cumprimentos de quantos o esperavam.

Findo este acto seguiram todos para o paço archiepiscopal. O prestito compunha-se de vinte e tantos trens, e de alguns militares a cavallo.

No paço aguardavam a chegada de s. ex.ª duas bandas de musica: o 1.º de Dezembro e Academia de Minerca.

A chegada de s. ex.ª subiram novamente ao ar varias girandolas de foguetes e as duas bandas executaram o hymno real.

N'uma das salas do paço s. ex.ª foi novamente cumprimentado por todos os cavalheiros que o tinham acompanhado.

No domingo, 18 do corrente, s. excellencia reverendissima entrou na sé, pela porta do norte, pouco depois do meio dia. Os alumnos do seminario, o pessoal da cathedral, o cabido, alguns particulares formavam cortejo; entre os ultimos vimos os srs. viscondes da Serra da Tourega e de Monsaraz, Gouveia, Nunes, etc.

Pessoas de todas as classes sociaes; bastantes damas povoavam as naves do vasto templo. O cortejo seguiu pela nave central para a capella mór. O novo prelado assentou-se no *faldistorium*, em

frente do Altar mór, á direita; aos lados, em bancos rasos, assentaram-se os conegos srs. Barradas, Mauricio e Abel.

Logo o padre secretario veio á entrada da capella mór, a meio, entre os seminaristas, e leu em voz alta a bulla e o auto de posse, leitura que levou muito tempo.

Terminada a leitura veio o sr. arcebispo de Perga á entrada da capella mór, e assentando-se no *faldistorium*, rodeado pelo cabido e todo o pessoal ecclesiastico, fez uma practica singela, insinuante, muito sensata.

Fez o elogio do illustre arcebispo d'Evora que a doença prende longe de suas ovelhas; pediu a todos auxilio na espinhosa missão que lhe está confiada, dirigindo-se ao cabido, vigarios, parochos e clero em geral; agradeceu aos fieis as atenções que lhe prestavam; fez o elogio da religião catholica.

S. ex.ª expõe clara, serenamente; sem demasia de ornatos, nem apparatus rhetoricos; todos entenderam as palavras do illustre prelado. Tem voz sympathica, e aspecto muito affavel.

O sr. Arcebispo de Perga voltou ao seu primeiro logar junto do altar mór e ali tomou a mitra.

Expoz-se o Santissimo, entoou-se o *Te-Deum*.

O sr. Esquivel, o distinctissimo amador de musica, regia no coreto.

Findo o *Te-Deum* o reverendissimo prelado voltou ao paço com o mesmo cortejo.

Hontem s. excellencia reverendissima recebeu muitas visitas, a todos captivando pela sua affabilidade.

Visitou o seminario. S. excellencia distribuiu esmolos avultadas ao asylo e aos presos.»

A S. Ex.ª Rev.ªª e aos evorenses os nossos parabens.

O muito illustrado e venerando Prelado do Funchal, o Ex.º e Rev.º Snr. D. Manuel Agostinho Barreto, prégou na Sê Cathedral nos domingos do advento. O assumpto escolhido pelo sabio Prelado foi a maçonaria, que combateu com a inergia dos primeiros apostolos, com a eloquencia dos primeiros Doutores da Igreja, com a franquesa com que pregavam aos Cesares os primeiros martyres do christianismo.

Bem haja quem tão bem sabe cumprir os deveres de bom pastor.

Não vae porém, melhor de saude o jornaleco da Madeira, que se chama *O Poro*. As ultimas noticias davam-o ainda com fortes ataques de raivosa trateria, investindo contra a Igreja, desaliando com caninos dentes todos os catholicos, e ficando, a final, (é o que vale) como o asno que escouceia ao ar.

Quando findarem as subscripções para os andaluzes, havemos de abrir uma para comprar uma camisa de forças para o tal valentão na... asneira.

Emquanto, deixal-o esmorrar os dentes na cruz, que se ha-de erguer alta-neira sobre a campo do pobre, por que, no ultimo momento todas as raivas findão.

No dia 6 de Janeiro foi aberto solemnemente o Seminario de Beja. Quer-nos parecer que nunca tivera Seminario aquella Diocese, e por tanto devera ser uma festa bem recebida por todos os catholicos. Discursaram, por esta occasião, varias membros do corpo docente do novo estabelecimento scientifico, e de entre os quaes, segundo vimos nos jornaes sobresalhiu o pronunciado por S. Ex.ª Rev.ªª Monsenhor Alexandre Ramos Cid.

Congratulando-nos com os catholicos de Beja, damo-lhes os parabens, por termos no paiz mais uma *fabrica de padres*, como dizem os espiritos fortes na asneira.

Foi imponente a procissão de penitencia feita em Guimarães no dia 25 de Janeiro passado, implorando a clemencia divina para os povos da Andaluzia. Nos dois dias anteriores fizeram-se preces, com sermão, na igreja de S. Domingos e n'este dia saira a Imagem de Nossa Senhora dos Terremotos, havendo antes sermão, como nos dias anteriores, prégado pelo nosso amigo o Rev.º Prior de Souto, que mostrou, em quadro sentidissimo os horrores porque tem passado os povos e os que ultimamente sofreu a Andaluzia. Teve pensamentos admiraveis, pelo que lhe damos os parabens. A Imagem da Virgem era acompanhada por mais de dez mil pessoas, entre as quaes vimos a mór parte das senhoras, pertencentes á alta nobresa, d'esta terra.

Folgamos de registrar este facto que muito honra Guimarães.

Que Deus escutasse tantas vozes, é o que desejamos.

Quando o presente n.º do *Progreso Catholico* chegar ás mãos de seus leitores, terá desembarcado em terras brasileiras o Rev.º P.º Senna Freitas.

No dia 20 de Janeiro recebiamos uma carta que principiava por estas palavras. «Não posso deixar de me despedir do meu amigo, pouco antes da hora da partida. No dia 23 parto para o Brazil.»

E lá foi o nosso amigo, arrostar com o peso da vida longe da patria. Oremos por elle e peçamos a Deus a sua volta.

—E os missionarios de Vizen! Já nem se falla d'elles, porque a calumnia foi

confundida, diante de facho luminoso da verdade. Os liberações, ou antes os revolucionarios de Vizeu, julgando-se no tempo ainda do Prelado politico, levantaram cabeça, chamaram as turbas a um comicio e... declararam morte aos missionarios. E em pomposa commissão foram fallar a S. Ex.ª o Sr. Bispo de Vizeu, accusando os missionarios. Padre Miguel Ferreira d'Almeida, e Padre Jeronymo Duarte d'Almeida, de quantas cousas feias amedrontam as creanças, e de quantas cousas horriveis poem em perigo o pagode geringoneiro.

S. Ex.ª Rev.ª que sabe o que são revolucionarios, prometeu-lhes providencias, e fez uma Provisão aos Parochos recommendando-lhe vigilancia sobre as Missões. Não podia o Venerando Prelado dar maior sopapo nos *meetingueiros*, do que dizer-lhes: aos Parochos e só a elles, é que compete informar-me do que se pratica nas missões. E as *patacoadas* ficaram de cara á illarga, e os Missionarios lá continuaram com os seus trabalhos apostolicos, não sem podirem aos Parochos attestados do seu comportamento, das doutrinas pregadas etc. Os Parochos, todos á uma proclamam os dois Missionarios como mensageiros da palavra de Deus, como espancadores das trevas da ignorancia em que vivem muitos povos da Beira Alta, e dão um publico testemunho do quanto aquelles povos lhes derem.

Bem feito! Este *meninos* que por ali andam a querer viver sem religião não fazem senão asneiras, mas pagam-n'as, como agora.

Porque não vão estes sujeitos poovar a Africa e viver lá como os macacos de quem se dizem filhos?

O maior jornal do mundo, e com certeza o que mais credits ha adquirido entre os mais afamados, o *Times*, jornal protestante de Inglaterra, fez grandes elogios aos Irmãos das escolas christãs, por occasião da ultima exposição internacional havida em Londres, como se depreende do seguinte, que traduzimos de um jornal francez:

«O comportamento reservado aos Irmãos das escolas christãs obteve o mais brilhante exito. Os habeis instructores da mocidade, encontraram no seio da protestante Inglaterra as mais vivas sympathias, as mais honorificas distincções, entre as quaes a grande medalha para a agricultura, concedida á Escola de S. Lucas, de Gante. Assim mostra o jury inglez a lealdade e rectidão que tanto o distingue.

Muitos periodicos protestantes renderam n'esta occasião a mais franca homenagem ao instituto dos Irmãos, destacando-se d'entre todos o órgão mais importante da imprensa ingleza, o *Times*, que, em seu numero de 25 de

agosto consagra duas columnas á exposição apresentada pelos Irmãos das escolas christãs, tributando-lhe os mais rasgados e desinteressados elogios.»

Prova-se, portanto a inutilidade dos religiosos, os nenhuns serviços por elles prestados á civilisação.

E' d'um nosso amigo a seguinte producção, que publicamos com prazer:

A' vanto pela Educaçãõ Catholica!

A' *benemerita* commissão de Senhoras que instalou o Collegio Catholico na Rua das Praças, 36. 2.º—Lisboa.

Educar religiosamente a mocidade!  
Darci benemeritos a sociedade.

A'vante Senhoras! ávante!  
Na vossa tão nobre missão;  
A'vante pela fé catholica,  
A'vante pela educaçãõ!

A'vante ó zello benedito,  
Filho da Santa Providencia;  
A'vante pelo que é virtude,  
A'vante pelo que é sciencia!

A'vante pela mocidade,  
Que de futuro brilhará:  
A'vante! pelo são ensino!  
A'vante! que Deus valerá!

A'vante Senhoras! ávante!  
Na vossa tão nobre missão;  
A'vante pela fé catholica,  
A'vante pela educaçãõ!

Lisboa—Janeiro—1885.

David Pires da Conceição.

No dia 29 de janeiro passado, completaram-se 201 annos em que um grande homem, um sacerdote, deixou a terra, deixando tambem o seu nome vinculado ao facto mais grandioso que o Porto conhece desde então. D. Lopo de Almeida, natural de Lisboa, e sacerdote do habito de S. Pedro, legou todos os seus bens para com elles se fundar o Hospital Real de Santo Antonio, que principiam em 1769, sendo as obras feitas segundo os planos de um architecto inglez de nome John Curr, acabando-se com o antigo hospital da Misericordia, na rua das flores.

Sempre que uma obra grande, um feito espantoso se patenteie á admiracão dos povos, raro é que se não veja o habito do frade, ou, pelo menos a batina do padre secular.

Foi pois um padre quem deu principio a esse vasto edificio que hoje possui o Porto, e que a não ser elle, estaria hoje a cidade da Virgem sem casa onde recolher os doentes, porque a epoca é de theatros, de cafés concertos, de patuscada, n'uma palavra. E quanto mais se apregõa o amor aos pobres, quanto

mais se falla em philantropia fmais a miseria cresce, mais desgraças se repetem, mais irmãos nossos morrem abandonados! Não ficassem alguns restos da antiga caridade, tivesse ido tudo para os cofres dos usurarios, e o pobre, ao cair doente nas lageas da rua não teria um tecto que o abrigasse das ventanias e das noites de geada, não teria uma coberta que lhe livrasse os membros atrofiados, das agruras do inverno.

Saudemos a caridade christã e bemdigamos a memoria do Padre D. Lopo de Almeida.

Acaba de fundar-se em Grenoble e Lille, uma associação denominada os *Franco-catholicos*, e que se propõe:

Prescindir dos mações em tudo quanto diga respeito a medicos, advogados, banqueiros, e alugadores de trens. Não arrendar casas, não comprar objectos de especie alguma a mações, e não entrar em hospedarias, cafés etc. dirigidos por mações.

Não confiar os filhos a escolas, collegios, universidades que não sejam genuinamente catholicos, e não comprar, assignar, ou ler periodicos ou livros conhecidos como mações.

Finalmente a *Franco-catholica* propõe-se guerrear a maçonaria em toda a parte, mas por meios licitos e não empregando os mesmos por ella usados.

O *Siecle*, de Paris, dá um grande cavaco e vae chamando ás armas, mas nada fará logo que os catholicos se unam.

Entrou no 4.º anno de sua publicacão o jornal bracarense *A Cruz e Espada*, valente campeão da causa catholica, e strenuo defensor da monarchia tradicional portugueza.

Abraçamos o nosso collega e com o abraço de irmão, protestamos as provas da nossa estima e o desejo que temos das suas prosperidades.

As nossas felicitações tambem ao valente campeão do catholicismo—*A Aurora*, de Pernambuco, Brazil, por encetar o seu 3.º anno, mandando-lhe com ellas um brado de *ávante!* por Jesus e pela Igreja.

Um aperto de mão ao nosso collega hespanhol *La Revista Popular*, por occasião do 25.º anniversario da sua publicacão, e com o aperto de mão, dado por um irmão, enviamos-lhe o protesto do nosso reconhecimento e do desejo que temos de ver tão interessante publicacão auferir todos os bens.

Cumprimentamos tambem a redacção do *Pombalense* no seu 9.º anniversario.

J. de Freitas.